

A CRÍTICA PSICANALÍTICA

META

Apresentar as ideias que fundamentam a crítica psicanalítica.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

conhecer a aplicabilidade da teoria psicanalítica à análise do texto literário;

reconhecer as aproximações e as diferenças entre a natureza do discurso literário e do discurso psicanalítico;

identificar o campo diferencial entre a psicanálise clínica e a psicanálise aplicada.

INTRODUÇÃO

Até o momento estudamos várias correntes críticas. Algumas dessas correntes permitiam uma abordagem intrínseca do texto, mas no caso da crítica sociológica havia a possibilidade de se fazerem abordagens extrínsecas. Nesta Aula de agora, vamos estudar uma nova corrente: a psicanalítica, e nesta o texto pode ser trabalhado em qualquer uma das abordagens a depender dos objetivos do crítico.

Sobre a psicanálise, é costume ouvir-se dizer que ela sempre tem uma explicação para tudo. E nesse caso também teria todos os conceitos necessários para a explicação plena da literatura. Mas não é bem assim. A psicanálise é uma teoria que, por ter como alvo principal o inconsciente, pode penetrar em muitos ramos das ciências humanas. Contudo, isso não significa que ela tenha a chave de todas as respostas. Ela é uma teoria a partir da qual podemos investigar tanto a estrutura dos fenômenos individuais e sociais quanto as condições de seu surgimento. E é dentro dessa sua capacidade de penetração nos fenômenos individuais e sociais que vamos relacioná-la à literatura.

Sigmund Freud

(1856 – 1939)

Médico austríaco. Criador da psicanálise. Defendeu a ideia de que a psicanálise se aplica a todos os ramos das ciências humanas, e chegaria a época em que a clínica para a cura das neuroses seria a menor parte de sua aplicação. Já estamos nesta época prevista por ele. Freud revolucionou a ciência do psiquismo humano com uma nova visão sobre a sexualidade e com os conceitos de inconsciente, pulsão, narcisismo, repetição, transferência, complexo de Édipo entre muitos outros.

Vale a pena dizer, logo de início, que não existe psicanálise do texto literário. O que existe é uma aplicação de alguns de seus conceitos à literatura. Trata-se da chamada psicanálise aplicada, quer dizer, de uma psicanálise que pode ser utilizada no campo da filosofia, da história, da sociologia, da política e, claro, das artes e da literatura além de muitas outras áreas. É oportuno colocar aqui um pensamento do psicanalista André Berge (In ANZIEU, 1978, p. 49) ao afirmar que “a psicanálise não pretende revelar a chave da arte; pelo contrário, ela pede ajuda à arte para revelar o segredo da natureza”.

Também é importante esclarecer que **Freud** nunca pretendeu elaborar uma teoria literária, embora sua preocupação com a arte, e particularmente com a literatura, sempre tenha sido uma constante. Desde cedo ele foi um pesquisador do campo estético procurando explicações para esse modo cultural que o homem tem de manifestar simbolicamente aquilo que se encontra dentro dele mesmo.

Como esse assunto é completamente novo, vamos trabalhá-lo dividindo-o em alguns itens para melhor compreensão:

DIFERENÇA ENTRE PSICANÁLISE E ARTE

Os estudos que se voltam para as articulações entre a psicanálise e a arte são numerosos. Neles constata-se uma aproximação muito grande entre es-

ses dois campos pelo uso da teoria psicanalítica na análise e compreensão da obra de arte e da literatura. É fundamental, entretanto, saber que entre elas existem também diferenças nítidas que as colocam em oposição. Só para uma abordagem inicial, podemos dizer que o termo ‘analisar’ significa separar as partes. Logo, o próprio nome está a dizer que o processo analítico consiste em cortar, em fragmentar, em desmontar os mecanismos para revelar a estrutura do objeto. Trata-se assim de um processo de desconstrução tendo em vista uma nova construção. A arte, pelo contrário, organiza, junta, combina para poder criar. Assim, ela é síntese, e nessa síntese ela leva ao prazer estético.

O CONCEITO DE INCONSCIENTE

Para se iniciar na crítica psicanalítica é indispensável conhecer vários conceitos da psicanálise. Mas há um que é o primeiro na escala de importância: o inconsciente. Numa breve explicação, podemos dizer que o inconsciente tem uma significação adjetiva e uma significação substantiva. A primeira sempre existiu, pois apenas indica a condição do que não é consciente. A segunda passa a existir apenas a partir de Freud e implica uma série de outros conceitos. A fim de se obter uma melhor compreensão, podemos classificar o inconsciente a partir de três pontos de vista: o descritivo, o dinâmico e o sistemático.

Do ponto de vista descritivo ele é um conteúdo do qual não se está consciente, mas cuja existência e ação é demonstrável. Quando sonhamos, podemos nos recordar do conteúdo manifesto do sonho e até contá-lo aos outros, mas não sabemos os significados que estão “por trás” das imagens de que nos lembramos. A esses significados, Freud chamou de conteúdo latente, para mostrar a oposição em relação ao conteúdo manifesto, que são as imagens e os sentidos presentes nas cenas do sonho, e deles muitas vezes nos lembramos. Quanto ao ponto de vista dinâmico, o inconsciente é um conteúdo ativo, uma força dinâmica fora da consciência que é capaz de agir e determinar comportamentos na pessoa. O que estamos chamando de comportamento é muito abrangente, pois se formos olhar a ação dessa força na vida dos sujeitos, vamos encontrá-la em toda parte. Muitos resultados dessa força são chamados de formações do inconsciente, e nestas podemos colocar os feitos pessoais, as preferências profissionais, os modos de amar, as escolhas da pessoa amada, as agressividades pessoais, o entusiasmo pela vida ou o desânimo, o gosto ou a indiferença pela apreciação das artes ou o gosto por produzi-la, etc, etc, etc.

Como você está vendo, o inconsciente é uma presença constante na vida de todas as pessoas e dele é que alimentamos o nosso modo de viver. Logo, em tudo o que os sujeitos fazem, ele está presente e, para identificá-lo, é necessário analisar as produções, as realizações das pessoas quer em sua vida pessoal quer no campo artístico ou literário.

Do ponto de vista sistemático, o inconsciente é um sistema cujas relações estabelecidas entre as partes estão fora da consciência. O mais importante nesse ponto de vista é reconhecer o caráter relacional do inconsciente. Isso significa que ele se constitui numa rede de relações que escapa à nossa consciência e ao nosso controle, logo ele funciona na estrutura dos fenômenos e não no lado manifesto desses fenômenos. A psicanálise é então uma ciência estrutural e não fenomenológica como ocorre com as demais ciências, inclusive a psicologia.

Os outros conceitos da psicanálise partem também desse terreno onde os fenômenos são vistos por aquilo que os organiza subliminarmente e não pelo que aparentam exteriormente. É dentro dessa perspectiva que a crítica psicanalítica vai atuar na obra literária.

O INCONSCIENTE E O TEXTO LITERÁRIO

Como dissemos na Introdução, Freud nunca pretendeu criar uma teoria estética para abordar a literatura. Seu interesse constante pela arte era devido a encontrar nela um lugar de demonstração, de manifestação do inconsciente do artista ou do literato e também daqueles que fruem as obras no prazer que experimentam. Isso significa que existem no sujeito fantasmas, pensamentos inconscientes, desejos inconscientes, todos eles prontos para se utilizarem dos atos desse sujeito a fim de escapar do recalçamento e poder se manifestar. Assim, a questão fundamental da psicanálise é o inconsciente. A partir daí outros conceitos importantes são criados. Alguns deles são: repetição, transferência, pulsão, recalque, sublimação, narcisismo, entre muitos outros. Mas note que todos esses conceitos foram criados em função da clínica psicanalítica, ou seja, do tratamento das neuroses, e não em função da crítica literária.

Ao elaborar a teoria psicanalítica e ao lançar mão dela na clínica com seus pacientes, Freud queria alcançar os sentidos das fantasias, dos pensamentos originais. Ao trazer essa teoria para a leitura do texto literário, a obra então é vista como um sintoma, ou seja, como uma formação do inconsciente. Michel Mathieu perguntou sobre o que se oculta por trás do inventário da obra, e ele mesmo respondeu: o que existe é a questão dos laços entre o psiquismo do artista e a significação da arte. Portanto, por trás do conteúdo manifesto da obra, conteúdo esse trabalhado enquanto ideia e enquanto forma, há sempre algo do inconsciente do seu criador, afinal antes do artista tecnicamente hábil existe a pessoa do homem em suas condições subjetivas. Não se trata absolutamente de negar ou mesmo reduzir o valor estético da obra. Sem a dimensão estética não existe a arte. Quando se trabalha a literatura a partir da psicanálise se quer alcançar um pouco da relação entre a criatura (a obra) e seu criador (o autor) para daí verificar que a produção artística passa não só pela técnica da elaboração

do discurso, mas também pela realidade subjetiva inconsciente, recalçada do autor. Essa realidade se mostra pelo discurso e esse discurso revela o sujeito que o elabora. Então entre a literatura e o homem há pelo menos dois elementos comuns: o inconsciente e a linguagem. Esta é a matéria prima da literatura e através dela se dá um nível de enunciação, um nível de não-dito, um nível que se chamaria “inconsciente” do texto. Por outro lado, a linguagem é também a grande ordem simbólica sem a qual o homem não existiria como sujeito que pensa, que sente e que constrói uma significação para as coisas. Dessa linguagem, nasce o inconsciente do sujeito e este se apresenta socialmente com suas pulsões, suas representações, seu narcisismo, seus recalques, suas transferências, suas sublimações etc.

A PSICANÁLISE NO CONTEXTO DA CRÍTICA

Ao trazer a exploração de questões psíquicas para a literatura, fica claro que estamos no campo da psicocrítica. Mas, atenção, se a palavra “psicocrítica” remete ao psiquismo humano, a teoria que serve de apoio a esta psicocrítica não é a psicologia como ciência, mas a psicanálise. A psicologia é uma disciplina voltada para os fenômenos em seu estado de manifestação. A psicanálise, ao contrário, se volta para a estrutura dos fenômenos; aquilo que os organiza e, ao mesmo tempo, não está manifesto, a não ser indiretamente. Por isso, a psicanálise trata do psiquismo, mas não é um ramo da psicologia como disciplina com seu modo fenomenológico de realizar-se e com suas técnicas terapêuticas.

A psicocrítica está fundamentada na psicanálise. Como já foi dito, a literatura e a arte foram alvo do interesse da psicanálise desde os tempos em que esta se iniciou. Mas a aplicação dos conceitos psicanalíticos à arte se dirige ao que está na estrutura das relações entre a obra e o artista, entre a obra e o seu fruidor. Convém salientar, inclusive, que algumas modificações ocorreram na teoria depois de Freud com repercussões na clínica e na aplicação à literatura. É aí que com a noção lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem abriu-se uma nova modalidade da psicocrítica, de modo que esta pode ser dividida em duas vertentes: a crítica psicanalítica genética e a crítica psicanalítica textual.

A crítica psicanalítica genética, atuante desde os primórdios da psicanálise, se preocupa com os conteúdos inconscientes do autor que estão, de forma indireta, presentes na obra. Por isso o crítico que segue essa linha de interpretação procura encontrar na obra os sinais da vida e do modo de ser do autor com suas preferências, suas frustrações, seus desejos, suas patologias. Daí podemos subdividir a crítica psicanalítica genética em patografias e psicobiografias.

As patografias se dedicam a verificar na obra os efeitos dos problemas psicopatológicos vividos pelo autor. Não se trata de buscar lacunas do

texto explicáveis no próprio texto, mas de observar os aspectos neuróticos ou psicóticos do autor que motivaram a presença de conflitos, de ideias repetidas, de alguns caracteres de personagens etc. no enredo da obra. As psicobiografias têm a mesma preocupação de encontrar na vida do autor as motivações para a obra, para a construção do enredo e das personagens, mas não do ponto de vista das patologias. Apenas busca na história de vida do autor o que o levou a produzir aquela obra nas condições em que a organizou e a entregou ao público.

Podemos compreender essa modalidade crítica a partir da visão em que a literatura não é apenas arte; é, simultaneamente, um fenômeno humano no qual fatores e fatos conscientes e inconscientes interferem. Nesse sentido, a obra literária se revela também como um sintoma. Há que se ver ainda que a obra é mais do que um complexo articulado de categorias literárias. Ela é também realização de desejo e, nesse caso, acima de tudo, desejo inconsciente.

Quanto à crítica psicanalítica textual, a linha de conduta crítica é diferente. Ela não se volta para a vida do autor, mas restringe-se à própria obra. Sua atuação permanece nos elementos que compõem o texto. Por essa razão, pode-se dizer que todo o trabalho crítico se mantém na ordem significativa. Daí podermos falar em uma crítica psicanalítica imanentista, que é a crítica psicanalítica textual.

Do ponto de vista dos estudos literários, não podemos dizer que esta crítica psicanalítica textual é a verdadeira, mas podemos dizer que ela é mais compatível com a natureza discursiva da literatura, pois segue os dados da própria construção literária. Essa vertente textual então cumpre os objetivos daqueles que sustentam o valor próprio, independente da literatura. Da mesma maneira que o formalismo e o estruturalismo, por exemplo, buscaram manter-se nos próprios constituintes da obra, a crítica psicanalítica textual envereda pelos meandros do texto. O emprego dos conceitos psicanalíticos nessa modalidade crítica assegura a permanência da obra na linguagem e afirma a sua posição de autonomia. Aqui também a prioridade é dada à dinâmica da palavra, isto é, o domínio é do significativo. A interpretação não mergulha no mar das significações simplistas que partem apenas das impressões do leitor pela sua própria experiência de vida. A ordem do significado fica submetida às possibilidades do ordenamento significativo, o que implica na predominância da lógica deste último. Isso também significa que a psicanálise está sendo aplicada à palavra em seu valor semiológico, e a obra está se conservando na dimensão estética.

CONCLUSÃO

Para finalizar é importante dizer que para-se fazer realmente uma crítica psicanalítica de uma obra, será necessário dominar bem vários conceitos que aqui não podem ser tratados porque ultrapassam os limites e os objetivos de uma Aula da UAB. A fim de esclarecer melhor alguns conceitos da teoria psicanalítica, você pode recorrer ao Vocabulário da Psicanálise indicado nas Referências Completas.

Mas agora você já tem uma ideia geral do que é a psicocrítica, e esse é o objetivo desta Aula.

Como você percebeu, a crítica psicanalítica é mais uma dentre as várias correntes críticas. Essa abordagem da literatura exige uma compreensão clara do conceito de inconsciente tanto no que respeita ao modo como Freud o elaborou quanto na nova formulação de **Jacques Lacan**. Não que a visão de Lacan destrua a visão freudiana pois que parte dela, mas traz uma nova perspectiva onde o inconsciente é tomado a partir do discurso e no discurso. Já não se fica atraído por buscar fatos do passado, mas pode-se permanecer no texto e nele encontrar as razões dos fatos diegéticos que se desenvolvem na obra. Se em Freud podemos dizer que a obra é tomada como uma produção do autor em suas condições subjetivas conscientes e inconscientes e, neste último caso, ela se torna também uma formação do inconsciente, um sintoma, em Lacan a obra já se manifesta como um dado em si mesma. Ela é discurso, e é pela via deste discurso (sem qualquer pretensão de ir ao passado) que sua análise se resolve. Como diz o professor Antônio Sérgio Mendonça, na teoria de Lacan a obra literária é vista como avesso sintomático e não como sintoma. Na verdade, a teoria lacaniana permite que a obra se mostre a si mesma como único espaço de legitimidade literária. Entretanto, essa perspectiva não pretende desmerecer a crítica psicanalítica genética, porquanto toda a história da crítica literária até o século XIX foi marcada por uma busca de explicações na vida do autor ou na cultura em que este se inseria, ou seja, buscava o sentido da obra fora dela. Era um trabalho que envolvia a obra, o autor e a sociedade. Com o advento do século XX, uma nova ótica aparece: é a chamada crítica imanentista, voltada para a literatura enquanto tal.

A crítica psicanalítica atende às duas perspectivas. A crítica psicanalítica genética segue o caminho da crítica literária tradicional na medida em que explica a obra a partir do autor e de seus condicionamentos psíquicos; e a crítica psicanalítica textual satisfaz-se no trabalho direto com o texto sem a necessidade de remetê-lo ao mundo exterior da subjetividade do autor e da realidade empírica em que este viveu, por isso e também uma crítica literária imanentista..

Jacques Lacan

(1901 – 1981)

Psicanalista francês. Trouxe a teoria psicanalítica para o campo da linguagem. Mas ele não pretendeu refazer o pensamento de Freud. Ele viu a necessidade de se rever a interpretação dado ao pensamento do pai da psicanálise. Fez então uma releitura do pensamento de Freud a partir de conceitos filosóficos, linguísticos e antropológicos e elaborou uma teoria psicanalítica fundamentada na ideia de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

RESUMO



- Entre a literatura e a psicanálise existem elementos de aproximação e de afastamento. Ambas se voltam para a subjetividade e se realizam a partir da linguagem, mas a literatura se dá sempre como uma visão de mundo do escritor enquanto a psicanálise opera uma desconstrução nas visões de mundo do sujeito para revelar as estruturas que o organizam.
- A psicocrítica pode ser classificada de dois modos: a psicocrítica genética e a psicocrítica textual. A psicocrítica genética pode ser subdividida em: patografias e psicobiografias. Mas a depender das abordagens, outras classificações podem surgir.
- A psicocrítica ou a crítica psicanalítica se justifica no âmbito da crítica literária porque a obra é mais do que um conjunto de categorias estéticas; é também a realização de desejo inconsciente do autor.
- Também se pode dizer que a psicocrítica se justifica porque a literatura é um fenômeno humano agregando a si tanto os recursos técnicos e estéticos, que são conscientes, como os complexos psíquicos inconscientes que envolvem o escritor ou o poeta no ato de criação.
- A psicocrítica quer atuar na obra a partir dos conteúdos inconscientes que remetem ao autor (a psicocrítica genética) e através da rede significativa da obra (psicocrítica textual) que não se preocupa com o autor, mas permanece no âmbito do texto.
- Na crítica psicanalítica textual, predomina no texto a dimensão significativa, pois este é que vai se apresentar como lugar aberto para que se elabore uma semiologia psicanalítica.
- Na crítica psicanalítica genética, predomina o significado, pois a obra é tomada como uma extensão da vida subjetiva do autor (com suas nuances e até com suas patologias).

ATIVIDADES



Após estudar o texto desta Aula, faça com suas próprias palavras uma redação entre 8 e 10 linhas para cada questão abaixo:

1. O inconsciente, tal como popularmente o termo é usado, indica que alguma coisa está fora da consciência. Este sentido corresponde bem à ideia que Freud teve dele? Por quê?
2. Quais são os objetivos da crítica psicanalítica genética e da crítica psicanalítica textual?
3. Seria adequado falar em uma psicanálise do texto literário? Justifique sua resposta.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Estas Atividades requerem que você tenha compreendido bem a Aula. Principalmente o conceito de inconsciente e as noções de psicocrítica em suas versões de crítica psicanalítica genética e de crítica psicanalítica textual. Enquanto não tiver assimilado bem essas ideias não faça as Atividades. Para cada resposta, concentre-se nos pontos essenciais. O que se pretende aqui é fixar o que há de principal nessa Aula.

REFERÊNCIAS

- ANZIEU, Didier. **Psicoanálisis del gênio creador**. Buenos Aires: Editorial Vancu, 1978.
- BERGEZ, Daniel et alii. **Métodos críticos para a análise literária: leitura e crítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LAPLANCE, J. e PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- NASIO, Juan - David. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- RALLO, Elizabeth Ravoux. **Métodos de crítica literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ROGER, Jérôme. **A crítica literária**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.